



A COSMOGONIA AMAZÔNICA NA POÉTICA DO IMAGINÁRIO DE JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO

Diemerson da Silva Ribeiro – diemersonsilva288@gmail.com
Universidade Federal do Pará, UFPA, Belém, Pará, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-4523-5711>

Geovane Silva Belo – geovanebelo@hotmail.com
Universidade Federal Rural da Amazônia, UFRA, Tomé-Açu, Pará, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-7737-126X>

RESUMO: Este trabalho analisa os traços da cosmogonia amazônica presentes na poética do imaginário de João de Jesus Paes Loureiro. O autor da cidade de Abaetetuba no Pará viveu parte da sua infância às margens das ilhas e carrega, na sua escrita, traços memorialísticos das narrativas míticas ribeirinhas. Assim, sua formação cultural e intelectual é marcada pela poética das águas. O estudo possui em seu corpus analítico passagens de poemas como “Paisagem mítica”, “Abaetetuba sempre”, “A história luminosa e triste do Cobranorato”, “Cantar da Iara”, entre outros. Para identificar os traços mais representativos da cosmogonia amazônica, o estudo dialoga com autores do campo da mitologia, do imaginário e da cultura amazônica. A análise de poemas se pautou em uma leitura discursiva e narratológica a partir dos estudos culturais. A pesquisa selecionou uma corpora poética a fim de ler os traços cosmogônicos da Amazônia na poética do autor. Nesse sentido, embasou-se em autores como Eliade (1963), Pizarro (2012) e no próprio Paes Loureiro (2000) como teórico de si. Desse modo, as narrativas míticas surgem como vivência e forma de explicação da complexa formação do universo amazônico, constituída de narrativas que dão voz aos povos dessa região. As cenas culturais evocam, neste estudo narratológico, seres encantados das profundezas dos rios, das florestas e legitimam a cosmologia das encantarias, categorizada por Paes Loureiro como *poética esteticizante*. Com isso, por meio da escrita poética desse autor, este artigo identifica as relações entre a natureza e as narrativas míticas, observando o regime das águas como fenômeno que exerce grande influência sobre a vida do caboclo amazônico, seja no modo de ver ou de construir a gênese da (re) criação do mundo e dos seres amazônicos.

PALAVRAS-CHAVE: Cosmogonia; Imaginário; Paes Loureiro.

INTRODUÇÃO

Compreender a origem do universo, a genealogia das coisas sempre foi um empenho da humanidade; seja a origem das plantas, dos animais, dos fenômenos naturais e sobrenaturais, e, sobretudo, da espécie humana como ser racional. O fato é que, diante dessa inquietude, os sujeitos buscaram explicações em diversas civilizações e culturas distintas, cada uma com sua cosmogonia, ou seja, com narrativas capazes de representar e lançar luz sobre as origens. Estas histórias traduzem o sentido das culturas e são atravessadas por crenças religiosas, pensamentos filosóficos e mitologizações que perpassam gerações e movem o imaginário. Esse mundo místico que circunda o imaginário das civilizações é recontado pelas narrativas orais e tece a imaginação cósmica, influenciando direta ou indiretamente a construção cultural e identitária de diversos povos.

Na Amazônia, por exemplo, essas narrativas trazem consigo elementos que marcam a forma do caboclo amazônico ver a criação da sua atmosfera universal. Esses elementos estão corporificados na voz do abagetubense João de Jesus Paes Loureiro por meio da sua mitopoética. Sua produção literária carrega traços cosmogônicos e estão irmanados à linguagem-vivência do poeta no mundo amazônico. Diante desses fenômenos, o presente trabalho propõe analisar a poética de Paes Loureiro buscando identificar os traços dessa cosmogonia presentes em sua obra e que marcam a formação do universo amazônico, um lugar de múltiplas representações do imaginário.

Em busca de compreender a representação na poética de Paes Loureiro destes mitos de criação, esta pesquisa possui uma *corpora*, tecido de versos e de teorias do autor que, tendo nascido na Amazônia, ocupa seu lugar de fala e traduz os modos de vida dos povos amazônicos a partir das suas vivências. Nas cenas míticas evocadas nesse estudo narratológico, seres encantados emergem das profundezas dos rios e legitimam a cosmologia das encantarias, categorizada por Paes Loureiro como *poética estetizante*. Com isso, o estudo buscou observar na escrita poética de Loureiro as relações entre a natureza e as narrativas míticas, identificando o regime das águas como fenômeno que exerce grande influência sobre a vida do caboclo amazônico, seja no modo de ver ou de construir a gênese da (re) criação do mundo e dos seres amazônicos. Dessa forma, as forças expressivas da cultura amazônica, constituídas por múltiplas cosmogonias, as vivências de seus habitantes, a força da oralidade, estão representadas na mitopoética de Paes Loureiro, que revela a construção do universo amazônico por meio de seus traços cosmogônicos.

As narrativas míticas surgem como forma de explicação para a complexa formação do universo amazônico constituído por diversas manifestações orais que traduzem as cosmovisões dos povos da floresta. Nesse sentido, faz-se necessário discutir o conceito de mito como fenômeno cosmogônico que faz parte da história da humanidade desde as primeiras visões de que se tem registro. Diante disso, a mitologia é descrita como fenômeno cultural representado pela literatura, seja oral ou escrita. Portanto, falar sobre os aspectos míticos presente na poética de Paes Loureiro é procurar entender a representação que sua voz constrói da região em sua poética do imaginário e a relevância cultural do autor no bojo da arte da Amazônia.

Dada a complexa narrativização mitológica de Paes Loureiro, fundamentado no pensamento do mitólogo norte-americano Mircea Eliade (1963), o estudo discute também a concepção de mito relacionado à poética do imaginário, conceito amplamente discutido no livro de Paes Loureiro “Cultura Amazônica: uma poética do imaginário.” (LOUREIRO, 2000). Dessa forma, a cosmogonia amazônica, objeto de estudo dessa pesquisa, é compreendida como elemento que revela a origem do universo amazônico. Nesse sentido, os traços cosmogônicos estão representados na voz de Paes Loureiro. E para compreender a constituição destas marcas no autor, inicialmente foi feito um levantamento bibliográfico,

mostrando a força representativa da floresta e dos rios da Amazônia na construção de uma poética com traços regionais, mas propulsores do caráter universalizante da literatura.

Em busca de identificar a cosmogonia na poética de João de Jesus Paes Loureiro, o estudo dialoga com autores do campo dos estudos culturais, em especial, aqueles que dão ênfase ao imaginário da cultura amazônica. Nesse sentido, faz-se necessário dialogar com os conceitos de cultura amazônica do próprio Paes Loureiro, revelando seu “ethos amazônico”. As narrativas cosmogônicas estão representadas na literatura, imanadas de uma linguagem de encantarias, as quais legitimam uma visão simbólica do mundo amazônico.

Esse universo amazônico representado por meio de uma linguagem/vivência, carregada de identidades e símbolos, permitiu que a análise de poemas se pautasse em uma leitura discursiva e narratológica a partir dos estudos culturais. A pesquisa selecionou uma corpora poética a fim de ler os traços cosmogônicos, que são aqui tomados como objeto de estudo na poética de Paes Loureiro. Com isso, a pesquisa propõe um estudo analítico sobre a poesia, havendo, desta forma, confluência entre a leitura literária e a metodologia analítica na busca de identificar o autor como teórico de si, pois de sua escrita poético-acadêmica também emana o sentido e o caráter cosmogônico da Amazônia.

As imagens simbólicas na poética de Paes Loureiro carregam consigo os elementos narratológicos, o espaço literário, as personagens e o lirismo, como traços da memória do autor. Esse imaginário de “encantarias da linguagem” é configurado como identidade do poeta que conviveu parte da sua infância ouvindo essas narrativas místicas às margens do rio Tocantins, região das ilhas de Abaetetuba, localizada no Pará. Para o poeta, “o caráter poético do poema e do mito advém do fato que ambos derivam do rio da linguagem, como tronco submerso em sua encantaria”. (LOUREIRO, 2000. P. 268). Nesse sentido, sua poesia traduz traços da cultura como mergulho nas cosmovisões da vida ribeirinha.

Sendo o mito uma representação simbólica presente na poética de Paes Loureiro, é importante considerar as expressões simbólicas como manifestações da poética do imaginário no autor, cuja voz está transfigurada entre o real e o imaginário.

1 PAES LOUREIRO: MITOPOÉTICA E A POÉTICA DO IMAGINÁRIO

O poeta paraense João de Jesus Paes Loureiro, nascido no dia 23 de junho de 1939, em Abaetetuba, Pará, município localizado às margens das ilhas. É graduado em Letras pela Universidade Federal do Pará – UFPA (1976), também possui graduação em Direito pela mesma universidade, mestrado em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP e titulação

de Doutor em Sociologia da Cultura pela Université de Paris IV (Paris – Sorbonne) (1994). Ademais, atuou como Secretário de Educação e Cultura de Belém, foi Presidente-fundador da Fundação Tancredo Neves, Secretário de Cultura e Educação do Estado do Pará, Presidente-fundador do Instituto de Artes do Pará e criador do Projeto Multicampiartes da UFPA. Atualmente, é professor voluntário de Estética e Artes da Universidade Federal do Pará. Possui ampla experiência na área de Artes e Comunicação, desenvolvendo pesquisas e atuando com os seguintes temas: Arte, Imaginário, Comunicação, Amazônia, Cultura, Cultura Amazônica, Criação Literária, Magistério, Poesia, Mito e Encantarias.

Enveredar pela vida e obra do abagetubense João de Jesus Paes Loureiro é, sobretudo, considerar sua vivência, as memórias da infância e da adolescência às margens do rio Tocantins, um lugar que, posteriormente, será a paisagem literária de sua escrita. A Amazônia e os encantados que movem o imaginário se convertem em elemento de alto valor estético e cultural. A região Amazônica, como espaço literário das produções de Paes Loureiro, tem na profundidade das suas águas o que o poeta chama de “Morada dos deuses”. Para compreender as encantarias da linguagem, é necessário entender a influência do rio na voz/vida dos habitantes das ribeiras.

Neste cenário de maravilamentos, Paes Loureiro constrói sua poética do imaginário, na qual mitos e a realidade da Amazônia se confluem e se materializam em versos. “Desse modo, a água nos aparecerá como um ser total: tem um corpo, uma alma, uma voz. Mais que nenhum outro elemento talvez, a água é uma realidade poética completa” (BACHELARD, 1998. p. 17).

Navegar nesse rio de linguagens é compreender o valor estético do imaginário transfigurado para o sentido real, pois os rios da Amazônia exercem um papel importante na vida de Paes Loureiro, carregam representações simbólicas do modo de vida do caboclo-ribeirinho, tais representações são descritas pelo autor por meio da sua mitopoética, conceitos carregados de representações metafóricas que ajudam a compreender o pensamento e a estética de sua poesia. A “conversão semiótica”, por exemplo, conceito amplamente discutido em *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário* discute o processo de mudança de função e definição, em que o dominado se torna dominante. Para Paes Loureiro, “No caso do mito, a sua conversão em poesia acontece quando a dominante deixa de ser mágico-religiosa para tornar-se estética. Quando ele deixa de ser funcionamento de códigos sociais e passa a ser linguagem significativa.” (LOUREIRO, 2000, p. 320). Nesse sentido, para Paes Loureiro (2000), o mito torna-se poesia quando, na forma oral ou escrita, passa a ser narrado sob o domínio da linguagem, considerando seu valor estético como matéria da linguagem.

Discutir o papel do mito como representação poética é parte fundamental para compreender a poesia de Paes Loureiro e sua forte relação com a cultura amazônica, pois o poeta transfigura o mito e as encantarias em corpo linguístico, dessa forma, “assume a dimensão estética do poético, com carácter

auto-reflexivo do signo-objeto, semelhante à individualidade de um poema” (LOUREIRO, 2000, p. 268). Com isso, ele atribui à poesia um caráter mitopoético capaz de refletir a realidade cultural e social do povo amazônica.

Essa relação entre mitologia e poesia é explicada pelo próprio autor:

É próprio do poético ter a dimensão de mito, tornando-se dimensão transfiguradora de fases históricas que são entendidas e idealizadas como épocas das origens, como se nelas tudo estivesse nascendo. Como se tudo estivesse em perene começo. Um exemplo seria o da Grécia Antiga, outro o da Amazônia até praticamente os dias atuais. São épocas históricas de evolução social equilibrada em que se percebe uma especial relação com a natureza e em que os grandes choques de mudança ainda não aconteceram. É nesses contextos que o mito e a poesia assumem o papel histórico complementar de memória estética dos homens. E neles – mítico e poético – contribuem para situar o presente em relação ao passado, reorganizando o passado em função do presente. A presença desses fatores, analisados em culturas como a da Amazônia, pode revelar o papel imaginário estetizador e poetizante, no conjunto de funções que a constituem e a estruturam (PAES LOUREIRO, 2000. p. 68-69).

Nota-se que a poética do imaginário está atravessada pela natureza da origem, na qual o mágico se converte na memória estetizante, resultante da relação histórica entre o sujeito e a história. Diante disso, em contato com os rios e a floresta, o sujeito se torna um ser superior, criador e criatura das encantarias que sustentam seu sentido original. “Ele passa a ser a razão primeira de tudo. O caboclo; um ser criador das origens. Essa poética do imaginário não faz dele um poeta. Mas o mantém envolvido em uma atmosfera estetizada que torna o imaginário a encantaria da sua alma.” (LOUREIRO, 2003. p. 27).

O caboclo amazônico, dependente da floresta e dos rios, toma para si as riquezas da sua região e cria uma metamorfose constituída a partir da sua vivência, diante disso, constrói sua própria realidade transfigurando o real e o imaginário. No mundo habitado por seres encantados, a natureza surge como força de sua representação cultural. São narrativas míticas criadas historicamente e que tem um efeito real capaz de transfigurar a realidade.

O imaginário, na concepção de Paes Loureiro, é entendido como:

A forma de uma poética do ser, uma forma de imaginação maravilhada, campo da gratuidade pura, uma das formas de finalidade sem fim na existência. Portanto, a partir daí, entendemos que o mito é a significação/significante da expressão sensível, dessa poética do ser em que o imaginário se constitui para o homem (LOUREIRO, 2000. p. 318-319).

Essa concepção está presente em mitos que circundam o imaginário do amazônica e são representados poeticamente na obra de Paes Loureiro, elementos dão forma à memória, como traço

cultural que dá sentido ao ser, às suas identidades. Nesse cenário da imaginação maravilhada, os rios e florestas são significação/significante da origem e da morada de deuses.

O mito, muito presente na poética de Paes Loureiro, é parte fundamental para compreender a cosmogonia na Amazônia. Nas palavras de Mircea Eliade, estudioso da história comparada das religiões:

O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares, conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos, conta graças aos feitos dos seres sobrenaturais, uma realidade total, o Cosmos, quer apenas um fragmento, uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, é sempre portanto, uma narração de uma criação, descreve-se como uma coisa foi produzida, como começou a existir (ELIADE, 1963).

Nesse sentido, uma das maneiras de o mito narrar a origem do mundo e de tudo a que nele existe é encontrar nas coisas e nos seres forças divinas que derivam da construção cósmica. Assim, o tempo fabuloso dos começos se configura como uma genealogia, ou seja, uma narrativa da geração de tudo que constitui o universo permeado pelo imaginário.

O imaginário, como funcionamento de mitopoética, ele nada faz acontecer. Não modifica o status de ninguém, como avaliador de importância entre as pessoas. Tudo o que se pode fazer é saborear o prazer de sua contemplação. Tudo é reino de aparências, isto é, uma imagem, uma ficção, uma metáfora. É como a história real de nossos sonhos, contada por nós para nós mesmos. Um livre jogo que é mais do que jogo – torna a existência real harmônica com o maravilhoso. Faz desse maravilhoso as iluminuras da existência (LOUREIRO, 2000. p. 325).

Portanto, é importante pensar a mitopoética de Paes Loureiro como força estetizante e representação da cultura amazônica, deste imaginário emergem os aspectos criacionistas deste universo contemplativo. O plano ficcional é história de sonhos que tocam o real, transformando o maravilhoso no imagético, no metafórico, no simbólico, onde navegam as iluminuras da existência.

2 AMAZÔNIA: LUGAR DE MÚLTIPLAS COSMOGONIAS

Os registros sobre a Amazônia têm início com a chegada dos primeiros europeus por volta de 1500. O espanhol Vicente Pinzon, ao percorrer a foz do Amazonas, conheceu a ilha de Marajó e surpreendeu-se ao perceber que aquela região era uma das mais povoadas dentre as quais até então tinham sido “descobertas” por eles. Um lugar de riquezas naturais exuberantes, habitado por indígenas, que seriam usados como escravos, em um violento processo de colonização daquele que ficou conhecido como “Novo Mundo”.

Nesse cenário, a história dos povos da Amazônia é constituída a partir de dois eixos conflitantes: de um lado, a visão paradisíaca criada pela magia das narrativas míticas sobre a região; de outro, a violência em decorrência da exploração da natureza. Isso tudo “produziu historicamente diferentes formas de relação do homem com a vida, o que significa também diferentes formas de produção de imaginários sociais.” (PIZARRO, 2012, p. 24)

Nota-se que historicamente a região amazônica constituiu-se de maneira conflitante, o mito, até então já existente na região, ganha um papel importante no processo de dominação. A partir daí, temos os primeiros mitos de criação que são configurados na Amazônia por meio das narrativas orais. Entretanto, as narrativas míticas remontam tempos muito antes da chegada dos portugueses à Amazônia e fazem parte da cultura de diversos povos.

Para Ana Pizarro:

A Amazônia é uma região cujo traço mais geral é o de ter sido construída por um pensamento externo a ela. Ela tem sido pensada, em nível internacional, através de imagens transmitidas pelo ideário ocidental, europeu, sobre o que eles entendem ser natureza, ou, em outras palavras, sobre o lugar que a Amazônia ocupou na experiência, imagem que foi em diversos textos: crônicas, relatos de viagens, relatórios de cientistas, informes de missionários. Somente no final do século 19, foram recuperadas as linguagens que deram pluralidade ao discurso amazônico, de forma que hoje já podemos escutar vozes distintas (PIZARRO, 2012, p. 31).

Diante da pluralidade de elementos discursivos presentes na Amazônia, a cosmogonia surge como fenômeno incorporado às narrativas orais, responsáveis pela personificação do universo amazônico. Etimologicamente a palavra cosmogonia tem origem grega “Cosmo”, que significa mundo, e “gonia”, que quer dizer geração, nascimento. Portanto, falar sobre essa temática é, sobretudo, discutir a criação do universo levando em consideração as forças teogônicas, geradoras de sentido para a existência.

A cultura Amazônica tem no mito uma força constitutiva, segundo Josebel Fares:

O mítico é a força constitutiva de fundação da Amazônia e de países da América Latina. A narrativa das Amazonas, trazida pelo imaginário dos estrangeiros, indica, desde aquela época, a sobrevivência de espaços, onde a senha que autoriza o acesso à informação assentasse no mito, enquanto narratividade, relatos sobrenaturais, ou o que os narradores amazônicos chamam de marmota anedota, remorso ou encantado. (FARES, 2006, p. 158-159).

Nesse sentido, enveredar pelos caminhos das teorias em torno da criação do universo é considerar as narrativas míticas como manifestações do pensamento cultural. Na Amazônia, o universo mítico se entrelaça com a mitologia universal, são narrativas que trazem consigo elementos que marcam a forma como o ser amazônico vê a criação da sua atmosfera. Portanto, discutir as narratividades, os relatos do sobrenatural requer a descrição de diferentes explicações, versões de origem, sob a perspectiva histórica

da heterogenia amazônica. Esta noção ajuda a entender como as narrativas orais da Amazônia descrevem os modos de conceber a criação, a sobrevivência, as práticas culturais.

Para discutir as manifestações míticas presentes na Amazônia, é importante levar em consideração a forte relação estabelecida entre o sujeito amazônico e a natureza, pois:

No início só havia a natureza mítica e depois aparece o homem. Homem e natureza confrontaram-se, lutam, impõe um ao outro, iguais, desiguais, desconformes. Em seguida, o homem aparece como senhor da natureza, mas essa natureza não é mais a mesma do primeiro instante. Ela já se acha modificada ao ser apropriada pelo homem, a natureza modifica-se, transforma-se. Também o homem já não é mais o mesmo. Ele realmente se apropria da natureza, submete-a, destrói algumas de suas forças e domina outras; pensa na vitória. Ambos perderam a inocência e entraram para a história (IANN, 1978).

Nesse processo de mutação, é perceptível que a luta entre os sujeitos e a natureza produza irreparáveis mudanças. Em meio a esses conflitos, o amazônida transfigura e é transfigurado pela natureza, como dominador e dominado, sua identidade vai se constituindo, sua cosmovisão vai se fecundando.

O imaginário amazônico é marcado, pois, por diversas cosmogonias, ao contrário da cosmogonia cristã monoteísta. Assim, as narrativas da região são constituídas de uma plasticidade e alteradas pelo curso da história, pela perda da inocência originária. Paes Loureiro descreve a Amazônia como uma região:

Rica de plasticidade e inocente magia, a natureza amazônica se revela como pertencente a uma idade mítica, plena de liberdade e energia telúrica. Situa-se em tempo cósmico no qual tudo brota como nas fontes primevas da criação: a mata, os rios, as aves, os peixes, os animais, o homem, o mito, os deuses. É nesse contexto que o imaginário estabelece uma comunhão com o maravilhoso, tornando-se propiciador de epifanias. Sob o sfumato do devaneio fecundado pela contemplação do rio e da floresta, olhando o horizonte das águas que lhe parece como a linha que demarca o eterno, o homem da Amazônia foi dominando a natureza enquanto ia sendo dominado por ela. (LOUREIRO, 2000, p. 8).

Essa natureza descrita por Paes Loureiro revela uma Amazônia transfigurada, em comunhão com o maravilhoso, marcado pelo sfumato do devaneio. Assim, as narratividades pertencem, como fonte de criação, à natureza e à sua força contemplativa. Na atitude poética da apreciação, o ser cria o tempo, a energia telúrica e as formas do imaginário, desta conexão cósmica, surgem os seres encantados como deuses submersos no rio ou embrenhados na mata.

3 A COSMOGONIA AMAZÔNICA NA POÉTICA DE PAES LOUREIRO

Os elementos cosmogônicos que são evocados por meio da poética de Paes Loureiro descrevem figuras místicas como protagonistas da criação do universo amazônico. São encantados que saem do plano imagético e ganham representações simbólicas em uma paisagem constituída por metáforas, por semioses e por alegorias.

Na passagem da obra “Memória mítica: Bahira e suas experiências”, no capítulo 1, Paes Loureiro descreve um universo vazio:

Antigamente não havia noite, não havia dia nem o verbo amar. Todas as coisas que do céu – o Sol, a Lua, a Estrela, as Nuvens – e todas as coisas que são atrás das nuvens, da Estrela, da Lua e do Sol, estavam nas terras dos Parintintim. Bahira colocou ali todas as coisas. Um dia, porém, zangou-se com sua gente e levou todas as coisas boas para o céu. (LOUREIRO, 2000, p. 285).

A narrativa traz elementos de uma criação atmosférica constituída por dois universos: um vazio, sem o “Sol”, a “Lua”, “nem o verbo amar”, um mudo de trevas; já o outro, habitado pela tribo dos índios Parintins, terra onde todas as coisas são guardadas pelo pajé Bahira.

Certo dia, furioso com a sua gente, Bahira leva para o céu apenas as coisas boas. Diante desses elementos que são evocados na narrativa, nota-se a figura indígena personificada como um ser supremo, divindade responsável pela criação e destruição de tudo. Nesse sentido, “[...] a cosmogonia constitui o modelo exemplar de toda situação criadora: tudo que o homem faz repete, de forma, o ‘efeito’ por excelência, o gesto arquetípico do Deus criador: a criação do mundo.” (ELIADE, 2006, p. 34).

No poema “Deslenda fluvial V”, o rio é representado metaforicamente como um lugar de origem, mas também do próprio fim do sujeito amazônico:

Deslenda fluvial V

O rio é o berço do homem.

O rio é a boca do homem.

O rio é a vida do homem.

O rio é a cova do homem.

(LOUREIRO, 2000, p. 171)

Paes Loureiro descreve que “O rio é o berço do homem”, um lugar símbolo de fertilização, a voz do sujeito amazônico é materializada nas imagens do fluvial. “Desse modo, a água nos aparecerá como um ser total: tem um corpo, uma alma, uma voz. Mais que nenhum outro elemento talvez, a água é uma realidade poética completa”. (BACHELARD, 1998. p. 17).

É importante refletir sobre o papel exercido pelo rio na vida dos povos da Amazônia, é dele que o caboclo tira seu sustento, mas esse mesmo rio é responsável por terríveis e misteriosos acontecimentos. “O rio é a vida do homem”, “O rio é a cova do homem.” Nessas passagens do poema, o rio, de forma paradoxal, é representado metaforicamente como o lugar do nascimento e o fim da vida.

Nas várzeas do rio Amazonas e seus afluentes, o caboclo-ribeirinho costuma habitar um lugar fértil, constituído por uma paisagem de açazal e buritizal, fonte de alimento para “a vida do homem”. Esse rio de água doce também contém diversas espécies de peixes que compõem a mesa do ribeirinho e garantem a sobrevivência desse povo.

Esse cenário exótico, constituinte do universo amazônico, aos poucos, é desconfigurado pela ação humana, movida pela ganância do capital financeiro, pois com a construção de hidrelétricas na região, por exemplo, há um aumento drástico de desmatamentos, perdas de biodiversidades e grandes áreas alagadas. Dessa forma, interferindo diretamente nas condições de subsistências, principalmente para o caboclo-ribeirinho. (FEARNSIDE, 2015).

Diante dessas transformações, o caboclo amazônico constrói um mundo de incertezas, movido por uma cosmovisão transcendente, em que o imaginário desperta um fenômeno criacionista, o mistério, marcado pela incerteza da vida após a morte da sua fonte germinante: o rio.

Nesse sentido, o rio surge como um mistério, carregado de representações simbólicas da vida e da morte, que são evocadas por meio de narrativas constituídas por seres que habitam as profundezas dos rios, onde vive a Boiuna, grande réptil causador de destruição e mortes de pescadores.

Nos fragmentos do poema abaixo, alguns traços podem indicar a representação criacionista da fauna amazônica, bem como a chuva, fenômeno climático muito comum nessa região.

Deslenda narcísica do boto X

*Sob as sílabas do sol
os rios secam.*

*Meninos atirados para o ar
Tornam pássaros.*

*Outros, velhos caciques destripados,
subiam ao céu e se tornavam chuva.*
(LOUREIRO, 2000, p. 189).

Na conjuntura dos elementos que compõem a narrativa do Boto, algumas variantes percorrem os rios da Amazônia e narram um animal transmutado em homem. Este ser metaforizado, de boa aparência, atraente, é um homem-boto capaz de lançar um olhar sedutor e encantar as mulheres, que posteriormente são levadas para o fundo do rio e surgem misteriosamente grávidas.

A cópula sexual é a consumação do desejo carnal do Boto, que “Sob as sílabas do sol”, ou seja, antes do pôr do sol volta para o rio deixando rastros de uma noite regada de prazer. Ao contrário da

cosmogonia cristã, na cosmogonia amazônica, o sujeito é partícipe do processo de criação do universo cósmico. Diante disso, seres míticos surgem como elementos de fusão entre o imaginário e os acontecimentos reais que suscitam uma atmosfera mistificada.

Nesse cenário amazônico, o Boto surge como elemento explicativo para a realidade do caboclo, que diante de problemas graves da região, como a gravidez na adolescência, o estupro, a pedofilia e o incesto, o encantado acaba sendo uma camuflagem, pois tais atrocidades são atribuídas à sedução do homem-boto. Isso tudo constrói a tessitura de uma sociedade marcada pelo patriarcalismo, a desigualdade e a pobreza.

Além dos acontecimentos de cunho sexual, no imaginário amazônica, fatores climáticos são atribuídos aos encantamentos do Boto, pois quando “os rios secam”, ou seja, ficam inférteis, a região carece de chuvas mais longas, o fenômeno seria resultante da fúria do Boto por não conseguir acoplar sua presa.

Numa cena violenta, apresentada no poema, meninos são “atirados para o ar” e “Tornam pássaros”, nota-se uma representação simbólica da morte de crianças, possivelmente geradas por mães solteiras que engravidaram do Boto e sacrificaram seus filhos.

Ao jogá-los para o ar, um processo de metamorfose ocorre, crianças transformam-se em pássaros, e “velhos caciques destripados, subiam ao céu e se tornavam chuva”. Esse fenômeno transcendente pode revelar a criação do poder cósmico, transfigurado em elementos da natureza, resultado da imaginação do sujeito amazônico, que “sem uma compreensão de cunho científico daquilo que observa, compreende sua realidade de uma forma empírica.” (LOUREIRO, 2000, p. 230).

No poema “Paisagem mítica”, Paes Loureiro descreve o sol e a lua como encantarias, neles o sexo é a força nuclear da criação.

Paisagem mítica

*Foi Baíra quem criou o sol e a lua.
O sol é o homem,
a lua é que é a mulher.
Fez o membro do sol
da raiz da paxiúba
e da raiz do apuízeiro
fez a fenda
do enluado sexo da lua.
O sol, solteiro homem, sai de dia.
A lua, que é mulher, de noite sai.
Cada qual compreende seus deveres.
Na terra, como o sol, nasceram os homens.
E, como a lua, saíram-se as mulheres.
(LOUREIRO, 2000. p. 119).*

Os traços eróticos da escrita de Loureiro já corporificam um elemento de criação, o desejo. A força que une os elementos simbólicos do “sol” e da “lua” compõe a ideia de fecundidade do universo, como elo entre os gêneros masculino e feminino. O título “Paisagem mítica” lembra um cenário em que a gestação da natureza e do olhar são também resultantes do caráter criacional, pois a paisagem emerge do desejo, isto é, “De certo ponto de vista, todo mito é ‘cosmogônico’”. (ELIADE, 1977, p. 15).

Nesse sentido, o mito do deus Baíra ganha uma representação cósmica responsável pela criação do sol e da lua. Sendo estes representantes da figura erotizada do homem e da mulher. A partir dessa relação, nota-se que o comportamento humano, de modo simbólico, está imerso na força dessas criações.

“Fez o membro do sol/ da raiz da paxiúba/ e da raiz do apuizeiro / fez a fenda/ do enluado sexo da lua” (LOUREIRO, 2000, p. 119). Nestes versos, temos um universo criado pelo deus Baíra, que funde os elementos da floresta amazônica com o astro “sol” e a “lua”. Nessa fusão, a “raiz da paxiúba”, palmeira de tronco ereto e resistente, é usada para fazer o membro de reprodução sexual do sol, representação da figura masculina, o pai.

Assim, “da raiz do apuizeiro”, uma árvore robusta, fez-se “a fenda”, surge uma representação simbólica do órgão genital feminino incorporado à lua, figura materna. Dessa forma, no ambiente terrestre “como o sol, nasceram os homens. E, como a lua, saíram-se as mulheres.”

Nesse universo metamorfoseado, os sujeitos amazônicos vão se multiplicando, assim como as raízes do “paxiúba” e do “apuizeiro” que crescem e se multiplicam com a força da germinação, energia espermática e ventre.

A história luminosa e triste do Cobranorato

*É monstro mais que bifronte
multielétrico. Pajés
não sabem carpir o medo
de tão sólida abusão.
Do forno de suas bexigas
sai um líquido maligno,
urina, escório, resina,
que varre a vida do rio
com seu mais que pente fino.
A vida foge das águas
para morrer em profundas
línguas de pó e alumínio
deixando o rio percorrido
de piracemas estéreas.
(LOUREIRO, 2000, p. 62-63).*

“Cobranorato” é a representação variante da Boiúna, Cobra grande, Sucuriju. Uma das versões deste mito conta que uma índia engravidou de uma cobra dando à luz a duas crianças. Honorato era rapaz

do bem, gostava de ajudar as pessoas, em contrapartida, sua irmã Caninana era perversa. Diante de tanta maldade cometida por sua irmã, Honorato decide matá-la.

Nas passagens do poema, “A história luminosa e triste do Cobranorato”, muitos elementos da cosmogonia amazônica vêm à tona por meio das representações simbólicas que emergem das profundezas do rio e que legitimam um universo mítico. A monstruosidade da serpente deixa rastros de destruição na floresta amazônica, daí o “líquido maligno”, “urina” e “resina” como imagens que aludem ao maravilhoso e à assombração. Diante desse fenômeno, o medo surge como um dos elementos representativos da cosmogonia amazônica, pois até mesmo as lideranças indígenas, ou seja, os pajés, “não sabem carpir o medo de tão sólida abusão”.

“Do forno de suas bexigas/ sai um líquido maligno, / urina, escório, resina, / que varre a vida do rio/ com seu mais que pente fino. / A vida foge das águas/ para morrer em profundas/ línguas de pó e alumínio/ deixando o rio percorrido/ de piracemas estéreas.” (LOUREIRO, 2000, p. 62-63).

Nestas passagens do poema, Paes Loureiro estabelece uma relação metafórica entre a destruição causada pela monstruosidade do Cobranorato e os impactos gerados pelos sulfatos metálicos, responsáveis por dizimar vidas marítimas, “deixando o rio percorrido de piracemas estéreas”, o leito das águas fica improdutivo para o caboclo-ribeiro que tem ali a base econômica e o sustento de sua família.

O rio é representado como uma espécie de “Olimpo”, um lugar descrito por Paes Loureiro como moradas dos deuses, dele surge a descrição mítica da serpente “A Boiúna, com sua voracidade de vidas e sua luz que deslumbra, é bem uma espécie de ‘criação do medo’”. (LOUREIRO, 2000, p. 220).

Cabe enfatizar outra variante desse mito, em que a cobra transforma-se em um grande navio luminoso para atrair suas vítimas. Diante dessa forte relação metafórica estabelecida entre o navio e a cobra, um fenômeno de criação ocorre no plano simbólico: “O navio iluminado sai da natureza oculta da cobra, como um filho, como Jonas do ventre da baleia, como a própria Boiúna no ventre do rio.” (LOUREIRO, 2000, p. 224).

Cantar da Iara

*Seus verdes longos cabelos
em ondas se penetravam.
Um rosto de tal beleza
que nele a morte se amava.
Tentando alcançar estrelas
peixinhos viravam aves.
A lua escondia seu rosto
atrás de um leque de nuvens...*

*Um leve cantar flutuava,
coral de corais e algas
do reino da encantaria.*

*Enquanto o moço seguia,
descendo as escadarias
dos vagos degraus das águas...*

*O rio passou em si mesmo
criando-se e destruindo-se.
O tempo que, em si, passava
criava o tempo e destruía.
A vida foi recompondo
do ponto em que o moço havia.
(LOUREIRO, 2000, p. 41-42).*

A Iara, também conhecida como Mãe d'água, sofreu influências das histórias narradas pelos europeus. Para Loureiro (2000, p. 253), “os animais fabulosos, as sereias, as tágides, os monstros marinhos, as lendas do mar já estavam integrados à tradição portuguesa. A epopeia Os Lusíadas está povoada de todas essas maravilhosas criações do imaginário”.

No poema acima, a representação simbólica da Iara é descrita como uma deusa de beleza encantadora, com um “rosto de tal beleza” que esconde o mistério da sedução. Na Amazônia, essa narrativa descreve uma mulher exuberante, capaz de seduzir os homens com seu cantar e levá-los para as profundezas dos rios, Olimpo dos encantados, universo submerso de onde brota o símbolo e o mito, constituindo a poética das águas.

O “Cantar da Iara” já revela uma linguagem de encantarias, responsável pela criação de um universo constituído pelo estético maravilhoso, pois basta que lance um “leve cantar” para que o caboclo-amazônico a siga hipnotizado até sua morada nas profundezas dos rios. Na primeira estrofe: “Seus verdes longos cabelos/ em ondas se penetravam. / Um rosto de tal beleza/ que nele a morte se amava” (LOUREIRO, 2000, p. 41-42). A beleza da Iara remete ao perigo, isso revela o caráter estético e sedutor dos mitos do rio, um lugar de estonteante beleza, de natureza selvática e enigmática, cujos seres gestam acontecimentos sobrenaturais.

Dentre os fenômenos sobrenaturais, a morte por afogamento de pescadores e ribeirinhos experientes no rio são tragédias aludidas à Iara, deusa condutora de feitos fatídicos. Nos versos: “do reino da encantaria/ Enquanto o moço seguia/ descendo as escadarias/ dos vagos degraus das águas” (LOUREIRO, 2000, p. 41-42), nota-se a origem de um mundo submerso, os degraus que afundam levam ao reino da deusa. “Este ‘outro mundo’, representa um plano sobre-humano, ‘transcendente.’ ” (ELIADE, 1989, p. 119).

Esse universo submerso nos rios revela a criação de uma natureza mitificada. Sob o olhar hermenêutico, a água tem forte relação com o desejo de reprodução da personagem encantada, visto que ela seduz e leva seus amantes para as profundezas do rio, entrando em um processo de fecundidade.

Além da erotividade apresentada pela narrativa da Iara, é notável o caráter fertilizante, de inseminação da própria mãe natureza. “O rio passou em si mesmo/ criando-se e destruindo-se. / O tempo que, em si, passava/ criava o tempo e destruía. / A vida foi recompondo/ do ponto em que o moço havia” (LOUREIRO, 2000, p. 41-42). Nesta última passagem, Paes Loureiro estabelece uma relação antitética de criação/destruição, vida/morte. A imersão do caboclo no rio o leva a uma ressurgência, na profundidade aquática, mora a cosmogonia e um novo sentido do ser pós-vida terrena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enveredar pela vida e obra do abacetubense João de Jesus Paes Loureiro é, sobretudo, mergulhar na poética das águas, como força representativa da cultura amazônica. No bojo da sua escrita, o poeta descreve uma Amazônia plural, rica em seres míticos e encantados que são metaforizados por meio de uma força aquática, com memórias de infância e reiterações do mundo à beira do Tocantins.

São narrativas que evocam uma a relação do ser e da natureza, que se fundem, acoplam-se em um *eros submerso*, transfigurando o narrar em significante/significado da cultura, na formação de uma identidade fluída, estetizante.

São as identidades de rios e florestas que são narrados/poetizados em cada verso loureiriano. A representação do imaginário amazônico sugere uma navegação pela explicação das origens. Dessa forma, seres e acontecimentos sobrenaturais legitimam o modo do caboclo-amazônico conceber sua cosmogonia, os sinais de tudo que compõem o seu universo.

Entre rios e florestas, esta cosmovisão é representada de maneira simbólica, carregada de metáforas que são configuradas como “encantarias da linguagem”. O mito emerge das afluentes dos rios, um lugar das moradas dos deuses amazônicos, em uma espécie de “Olimpo”.

Na corpora dos poemas analisados, mitos como Boiuna, Iara... São narrativas que revelam que as cosmogonias são cenas que simbolizam o caráter *estetizante da cultura amazônica*. Por meio da escrita de Paes Loureiro, o trabalho identificou as relações entre a natureza e o aspecto mítico, observando o regime das águas como fenômeno que dialoga com a vida e o imaginário amazônico, no modo de conceber e construir a gênese da (re) criação do mundo amazônico.

Na conjuntura da linguagem poética de Paes Loureiro, os elementos narratológicos procuram traduzir os mitos da criação. O poeta, também como teórico de si, descreve uma paisagem do mundo amazônico no plano simbólico. Assim, estes mitos na literatura são frutos da poética do imaginário, da vivência do ser, cuja voz mergulha em si e traduz o mundo amazônico.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. (Trad. de Antônio de P. Danesi). São Paulo: Martins Fontes, 1998. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/36379499/BACHELARD-Gaston-A-Agua-e-ossonhos#download>. Acesso em 23 de fevereiro de 2019.

ELIADE, Mircea. *Aspectos do Mito*. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 1963.

FARES, Josebel Akel. Poéticas orais constroem a história da Amazônia. In: FARES, Josebel Akel (org.). *Diversidade cultural: tema e enfoques*. Belém: Unama, 2006. (Coleção Linguagens: estudos interdisciplinares e multiculturais, v. 2). P. 158-159.

FEARNSIDE, Philip. *Hidrelétricas na Amazônia: impactos ambientais e sociais na tomada de decisões sobre grandes obras*. Vol. 1. Manaus, Amazonas: Editora do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), 2015.

LOUREIRO, Paes. *Obras reunidas / João de Jesus Paes Loureiro*. São Paulo. Escrituras Editora, 2000.

LOUREIRO, Paes. *Obras reunidas / João de Jesus Paes Loureiro*. São Paulo. Escrituras Editora, 2000. v. 2.

LOUREIRO, Paes. *Obras reunidas / João de Jesus Paes Loureiro*. São Paulo. Escrituras Editora, 2000. v. 3. p. 267-379.

LOUREIRO, Paes. *Obras reunidas / João de Jesus Paes Loureiro*. São Paulo. Escrituras Editora, 2000. v. 4. p. 91.

MATTHIJS H.D. van der Wiel. Maya. *Cosmology*. March 2, 2004.

MARTINS, Roberto de A. *O universo: teoria sobre sua origem e evolução*. São Paulo: Ed. Moderna, 1994.

MOREIRA, R. A. *A Criação do mundo e do homem segundo Popol Vuh* – O livro sagrado dos maias-quichés da Guatemala. Revista dos Encontros Literários Moreira Campos. Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará Ano 1 – N.01 – abril-julho de 2008. Disponível em: <http://encontrosliterarios.ufc.br>. Acesso em 15 de junho de 2019.

PIZARRO, Ana. *Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização*. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2012.

IANNI, Octavio. *Jesus na Amazônia*. In: LOUREIRO, João de Jesus Paes. Porantim: poemas amazônicos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. Prefácio.

Title

The traces of the Amazonian cosmogony present in the poetic of the imaginary of João de Jesus Paes Loureiro.

Abstract

This paper analyzes the traces of the Amazonian cosmogony present in the poetic of the imaginary of João de Jesus Paes Loureiro. The author Abaetetubense lived part of his childhood on the shores of the islands and carries, in his writing, memorialistic traces of the mythic riverside narratives. Thus, his cultural and intellectual formation is marked by the poetic of the waters. The study has in its corpus analytical passages of poems as "mythical Landscape", "Abaetetuba Always", and "the luminous and sad history of the Cobranorate"; Sing of Iara, among others. To identify the most representative traits of the Amazonian cosmogony, the study dialogues with authors from the field of Mythology, the imaginary and the Amazonian culture. The analysis of poems was based on a discursive and narratological reading based on cultural studies. The research selected a poetic corpora in order to read the cosmogonic features of the Amazon in the author's poetics. In this sense, it was based on authors such as Eliade (1963), Pizarro (2012) and Paes Loureiro (2000) as a self-theorist. Thus, mythical narratives emerge as an experience and a way of explaining the complex formation of the Amazonian universe, consisting of narratives that give voice to the peoples of that region. The cultural scenes evinced, in this narrative study, beings enchanted from the depths of rivers, forests and legitimize the cosmology of the Enchantments, categorized by Paes Loureiro as an aestizant poetic. Thus, through the poetic writing of this author, this article identifies the relationship between nature and mythical narratives, observing the regime of waters as a phenomenon that exerts great influence on the life of the Amazonian Caboclo, whether in the way of seeing or To construct the genesis of the (re) creation of the world and of Amazonian beings.

Keywords

Cosmogony; Imaginary; Paes Loureiro.

Recebido em: 03/03/2020.

Aceito em: 25/03/2020.